

# *Um engenheiro expedicionário ou um expedicionário viajante? Alfredo d'Escragnolle Taunay e suas andanças pelos sertões mato-grossenses*

*Ana Paula Squinelo\**

Apresento neste texto as imagens produzidas relacionadas ao Mato Grosso por Alfredo d'Escragnolle Taunay, engenheiro militar que participou de duas campanhas da Guerra do Paraguai (1864-1867), sendo uma a da Coluna Expedicionária rumo ao sul de Mato Grosso. Da experiência na Guerra legou uma vasta bibliografia e nesta registrou imagens acerca do cotidiano, assim como suas impressões sobre a fauna, flora, população e costumes mato-grossenses.

**Palavras-chave:** Alfredo d'Escragnolle Taunay; Guerra do Paraguai; Mato Grosso;

I present in this paper the images related to Mato Grosso produced by Alfredo d'Escragnolle Taunay, military engineer who participated in two campaigns of the Paraguayan War (1864-1867), one of the Expeditionary Column heading south of Mato Grosso. From experience in the War bequeathed a vast bibliography and recorded images on this every day, as well as his

**I**númeras imagens acerca da antiga Província de Mato Grosso foram pensadas, vivenciadas e construídas a partir de um imaginário ligado ao “outro”, ao “desconhecido”; palco de inúmeras expedições científicas e naturalistas teve seu solo percorrido por austríacos, alemães, franceses, entre outros que legaram a partir de suas viagens de mundo suas impressões sobre a fauna, a flora, o espaço geográfico, as intempéries e a população mato-grossense.

Via de regra essas imagens traçadas em papel e reproduzidas pela imprensa européia apresentavam a dicoto-

\*Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (2006). Professora de História no CPAQ-UFMS. [apsquinelo@yahoo.com.br](mailto:apsquinelo@yahoo.com.br)

mia que marcara aquele contexto histórico, a saber: a província mato-grossense vista como um lugar longínquo, distante, não habitado, o “sertão” desconhecido, ou seja, o não lugar; essas impressões variavam de acordo com as situações a qual o narrador estava submetido, podendo este “sertão” ser visto do ponto de vista da natureza como algo idílico, edênico, afinal a paisagem, as águas, a flora, a fauna e a exuberância de sua beleza natural desenvolveram um imaginário ligado ao próprio paraíso; esta idéia do éden terrestre muitas vezes contestada quando confrontada a uma natureza selvagem e desconhecida por esses viajantes-narradores-expediçãorios; quanto a população que habitava foi vista como o oposto do “processo civilizatório” vivenciado por esses olhares europeus tão peculiares.

Nesse sentido as imagens que circularam acerca do antigo Mato Grosso estão afinadas com as discussões e teorias científicas desenvolvidas durante o XIX: “civilização x barbárie”; “modernidade x atraso”; “inferno x paraíso”; “intempéries x natureza”; “progresso x civilização”, etc.

Para a historiadora Lylia Galetti, tanto:

[...] estrangeiros, brasileiros e mato-grossenses enxergaram Mato Grosso pela mesma matriz das concepções ocidentalistas de *progresso e civilização* e pelas mesmas lentes das teorias evolucionistas e raciais que dominaram os horizontes ideológicos e culturais entre fins do século XIX e inícios do XX. Mas, há também uma diferença de fundo entre estes três olhares, produto das relações distintas que mantinham com o seu objeto de observação. Assim, visto pela ótica dos viajantes estrangeiros, Mato Grosso era concebido como uma *região* ainda próxima da barbárie: abundante em recursos naturais, seu imenso território encontrava-se quase *vazio*, dominado por indígenas e por uma população mestiça, indolente e sem espírito empreendedor, razão pela qual seu progresso só seria possível com a introdução de imigrantes e capitais europeus<sup>1</sup>.

Já os brasileiros enxergaram:

[...] este espaço e suas populações pela ótica da Nação, mas tendo como referência o modelo europeu, os brasileiros elaboraram imagens ambíguas acerca

---

<sup>1</sup> GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, p. 32.

de Mato Grosso: valorizado negativamente em razão das distâncias geográficas, históricas e culturais que o separavam do mundo e do Brasil civilizado, também o era positivamente como *sertão e fronteira* da pátria, noções fundamentais para a própria idéia de nacionalidade brasileira no período em foco. A fronteira porque delimita o espaço do Outro, o estrangeiro, e o sertão porque, embora identificado como lugar do atraso e da barbárie no território da Nação era percebido, simultaneamente, como *locus* de sua verdadeira identidade cultural<sup>2</sup>.

E em relação aos mato-grossenses, Galetti apontou que

[...] compartilhando desta visão ambígua sobre a *terra natal*, manifestaram um profundo mal estar cultural face à uma identidade estigmatizada pela barbárie. Nas manifestações culturais constitutivas da redefinição desta identidade, indissociáveis das tensões sociais e políticas que lhe são contemporâneas, foram fundamentais os investimentos em torno de uma construção de uma memória fundada nas origens bandeirantes do povo mato-grossense, em um passado de lutas pela ampliação e defesa do território e para manter acesa em seus sertões a chama da civilização. Um passado que autorizava as projeções de um futuro promissor, assegurando pela dimensão e inesgotáveis riquezas da *terra natal*<sup>3</sup>.

Assim,

[...]em seus múltiplos e ambivalentes sentidos, as noções de sertão e fronteira forneceram os elementos chaves com os quais viajantes estrangeiros e brasileiros do *litoral* produziriam a caracterização da *região mato-grossense* como *confins* do mundo *civilizado* e da nação brasileira, do mesmo modo como su-  
dsidiaram os esforços dos mato-grossenses no sentido de alterar esta definição de sua identidade<sup>4</sup>.

É nesse universo múltiplo que se insere o protagonista que desejo dialogar para compor esta reflexão.

Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay nasceu no Rio de Janeiro em 22 de fevereiro de 1843. Filho de Gabriela Hermíria de Robert d'Escragnolle e de Amado Félix Emílio de Taunay, que entre outras atribuições, foi preceptor de d. Pedro II. Nesse sentido, vale ressaltar, que desde cedo Alfredo d'Escragnolle Taunay conviveu no ambiente imperial.

---

<sup>2</sup> *Idem*, p. 32.

<sup>3</sup> *Idem*, p. 33.

<sup>4</sup> *Idem*, p. 33.

Em relação aos seus estudos foi aluno do Colégio Pedro II, da Escola Militar, e por último, estudante do curso de engenharia militar da Praia Vermelha no Rio de Janeiro.

Nessa escola foi promovido à segundo-tenente de artilharia e quando a Guerra do Paraguai eclodiu na Bacia Platina, Taunay contava, apenas, com 21 anos. Apesar de sua pouca idade incorporou o Exército Brasileiro como engenheiro militar, fazendo parte da coluna expedicionária que, partindo de São Paulo tinha como objetivo alcançar a fronteira com o Paraguai e expulsar as tropas guaranis do sul da província de Mato Grosso.

De acordo com Doratiotto, estudioso da Guerra do Paraguai:

O governo imperial decidiu-se por enviar uma coluna para Mato Grosso, tal como Caxias propusera, convocando 12 mil guardas nacionais de Goiás, Minas Gerais e São Paulo. No começo de abril [de 1865] começaram as tarefas para organizar a chamada Coluna Expedicionária de Mato Grosso<sup>5</sup>. [...] A coluna tinha a designação oficial de Corpo Expedicionário em Operações no Sul de Mato Grosso, nome pomposo para uma força numericamente acanhada<sup>6</sup>.

Cabe destacar que Taunay não apresentava vocação para a Guerra, desejava em seus sonhos de jovem, quem sabe, ser médico; entretanto a tradição familiar ligada às guerras européias “obrigou-o” a partir para o teatro de operações. Sua mãe enfaticamente frisava “Tens que honrar a tradição da família. Irás para a Guerra e voltarás com pompas e títulos!”

Prevaleceu naquele momento, portanto, mais a tradição familiar do que a vontade própria.

Tais considerações podem ser confirmadas em um trecho de sua obra *Mémoires* na qual confessou que

Todo o interior do Brasil se abria ante os nossos passos, nada mais, nada menos, e, certamente, a vastidão tem em si inúmeros atrativos e grandioso prestígio, a que se uniam pretensões científicas de certo alcance, *fazer coleções de minerais preciosos, ou então descobrir, senão um gênero novo de planta,*

<sup>5</sup> DORATIOTTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 120.

<sup>6</sup> *Idem*, p. 33.

*pelo menos uma espécie ainda não estudada e classificá-la* – sonhos enfim, de mocidade em que havia bastante de pedantismo<sup>7</sup>. (grifo nosso).

Influenciado talvez pela corrente naturalista, pelos viajantes e pelas variadas expedições de cunho exploratório que percorreram os sertões imperiais durante todo o século XIX, Taunay, com seu espírito inquietante e observador, também desejava “explorar” e “reconhecer” aquelas terras que se colocavam tão distantes de seu universo urbano, civilizado e imperial.

Mesmo com esse espírito inquietador, para Taunay:

[...] A carreira militar era a única digna de um “homem superior”, sempre lhe foi dito. As armas moldavam o espírito defensor da Honra e da Pátria. O corpo do exército propiciava a educação técnica. A vida na corte desenvolvia o bom gosto, os bons modos, a sensibilidade para as artes e para a palavra. O resultado da combinação seria bom senso e força, o ideal do soldado ilustrado, o soldado do rei. Taunay representou perfeitamente esse papel, que simbolizava o tipo intelectual que mais se enquadrava no perfil imperial brasileiro, para o qual a Guerra do Paraguai, e suas consequências, foi de especial importância. Foi um verdadeiro teste de convicções<sup>8</sup>.

Interessante ressaltar que mesmo diante das inúmeras adversidades enfrentadas na Campanha de Mato Grosso e relatadas em diversas obras por Taunay, este protagonista do conflito platino absorveu a imagem de que

[...] O Paraguai era o “outro”, o inferno da civilização que sonhávamos. Fugir dele extirpar seu horror, era necessário. [...]º; e, ainda: A fronteira entre a civilização e a barbárie, entre o progresso e o atraso, entre a lucidez e a loucura, entre o sonho e o pesadelo, entre Natureza e Cultura, entre o branco e o mestiço, entre o mestiço e o índio, entre o litoral e o sertão, entre o Romantismo e o Realismo, entre o Império e a República. O sertão é uma vasta fronteira de significados obscuros que o bom senso do Visconde quer desvendar<sup>10</sup>.

<sup>7</sup> Apud MARETTI, Maria Lídia Lichtscheidl. *Um polígrafo contumaz*. (O Visconde de Taunay e os fios da memória). 1996. Tese. (Doutorado em Teoria Literária). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, p. 107.

<sup>8</sup> ALAMBERT, Francisco. *Civilização e barbárie, história e cultura*. Representações culturais e projeções da “Guerra do Paraguai” nas crises do Segundo Reinado e da Primeira República. 1999. Tese. (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 4. (Capítulo 1 – Item 2: O bom senso em Retirada ou o Binóculo de Taunay).

<sup>9</sup> *Idem*. p. 8. (Capítulo 1 – Item 2: O bom senso em Retirada ou o Binóculo de Taunay).

<sup>10</sup> *Idem*, p. 11. (Capítulo 1 – Item 2: O bom senso em Retirada ou o Binóculo de Taunay).

Taunay, portanto, participou de todo o trajeto que a Coluna Expedicionária rumo ao sul de Mato Grosso percorreu e em 1867, findada a Retirada, foi escolhido para levar até o governo imperial no Rio de Janeiro notícias sobre o corpo expedicionário e todas as provações pelas quais passaram. Entre 1867 e 1868 publicou algumas de suas obras, como por exemplo, *Cenas de Viagem, A Retirada da Laguna* e redigiu e publicou o *Relatório Geral da Comissão de Engenheiros* elaborado no percurso da campanha de Mato Grosso.

Entretanto, em 1869, quando o conde d'Eu, genro de d. Pedro II, assumiu o comando das forças brasileiras em operação no Paraguai, Taunay retornou ao teatro de operações como secretário do estado-maior do conde d'Eu.

Terminada a guerra em 1870 e tendo retornado ao Rio de Janeiro resultou dessa experiência a publicação da obra *Diário do Exército* no qual descreveu a ocupação do Paraguai e a morte do líder guarani Francisco Solano López.

Fato interessante de pontuar é que embora Taunay tenha participado de duas fases da campanha da Guerra do Paraguai, pouco esteve presente nos combates propriamente dito. Alambert com grande maestria traduz tal situação ao apontar que

Note-se que o autor [Taunay] nunca se apresenta trabalhando. Ele não é nem mesmo o “nobre-guerreiro”. Seu trabalho é o trabalho da razão que arrazoa, que balança, observa e registra. Sua posição, nesse sentido, tange à situação do homem do Império em sua acepção ideal mais bem realizada; não trabalha: estuda, observa com seu binóculo racional, escreve, corrige e anota os dilemas da moralidade, buscando colocá-los na balança dos trunfos que podem vir a construir a civilização brasileira<sup>11</sup>.

Nesse sentido a vasta obra de Taunay, em especial, as que o autor dedicou-se a relatar sua presença em solo mato-grossense, possibilita-nos compreender as dificuldades pelas quais passou o Corpo Expedicionário no sul de Mato Grosso e a conseqüente Retirada.

Este Corpo Expedicionário organizado pelo governo imperial, desde o início, enfrentou diferenciados problemas. Cabe frisar, por exemplo, os diversos comandos a que esteve submetido: primeiro o Coronel Manuel Pedro Drago, seguido pelo Brigadeiro José Antonio da Fonseca Galvão, pelo Coronel Carlos de Moraes Camisão e, finalmente, pelo Major José Thomaz Gonçalves.

---

<sup>11</sup> *Idem*, p. 39. (Capítulo 1 – Item 2: O bom senso em Retirada ou o Binóculo de Taunay).

A morosidade que marcou os primeiros meses da expedição e outros imprevistos e improvisações submeteram o efetivo do corpo expedicionário a situações adversas que vão desde a falta de abastecimento de alimentos e gêneros afins, até as doenças e exposição ao perigo por falta de conhecimento militar por parte do comando; Taunay em várias obras de sua autoria como *Campanha de Mato Grosso. Scenas de Viagem, Dias de guerra e de sertão, A Retirada da Laguna*, e *Cartas da campanha de Mato Grosso, 1865-1866*, registrou esses momentos que me utilizo para demonstrar as agruras narradas por Taunay na Campanha de Mato Grosso e, consequente Retirada da Laguna.

Para a elaboração desta reflexão não estabeleci como objetivo a análise do conjunto da obra de Taunay, tendo em vista sua amplitude e diversidade; entretanto, para que pudesse exemplificar o quanto é extensa a produção do autor em questão, vale ressaltar, em diferenciados gêneros literários, apresento uma amostra de parte de suas obras e, dessa forma, para melhor compreender e visualizar apresento dividindo-as nos seguintes grupos, levando em consideração a natureza de cada obra:

1º) Romances:

- Ouro sobre azul<sup>12</sup>;
- O Encilhamento<sup>13</sup>;
- No Declínio (Romance Contemporâneo)<sup>14</sup>;
- Manuscrito de uma mulher (A primeira edição foi publicada sob o título *Lágrimas do coração* e subtítulo *Manuscrito de uma mulher*)<sup>15</sup>;
- Inocência<sup>16</sup>;
- A mocidade de Trajano<sup>17</sup>.

---

<sup>12</sup>TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle Taunay. *Ouro sobre azul*. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo; Cayeiras: Rio de Janeiro, 1921.

<sup>13</sup>\_\_\_\_\_. *O Encilhamento*. 2. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo; Cayeiras: Rio de Janeiro, 1923.

<sup>14</sup>\_\_\_\_\_. *No declínio* (Romance Contemporâneo). 3. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo; Cayeiras: Rio de Janeiro, 1926.

<sup>15</sup>\_\_\_\_\_. *Manuscrito de uma mulher*. 3. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo; Cayeiras: Rio de Janeiro, 1928.

<sup>16</sup>\_\_\_\_\_. *Inocência*. 34. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

<sup>17</sup>\_\_\_\_\_. *A mocidade de Trajano*. 2. ed. São Paulo: Biblioteca Academia Paulista de Letras, 1984. (v. 13).

2º) Contos:

- Ao entardecer<sup>18</sup>;
- Ierecê a Guaná<sup>19</sup>.

3º) Peças teatrais:

- Amelia Smith<sup>20</sup>;
- A conquista do filho; Por um triz coronel!; Da mão á boca se perde a sopa<sup>21</sup>.

4º) Viagens e descrições da natureza brasileira:

- Viagens de Outr'ora<sup>22</sup>;
- Campanha de Mato Grosso. Scenas de Viagem<sup>23</sup>;
- Paizagens Brasileiras<sup>24</sup>;
- Dias de guerra e de sertão<sup>25</sup>;
- Visões do sertão<sup>26</sup>;
- Céus e terras do Brasil; Viagens de outrora; Paisagens Brasileiras<sup>27</sup>.

5º) Memórias, depoimentos pessoais e autobiografia:

- Trechos de minha vida<sup>28</sup>;

<sup>18</sup> \_\_\_\_\_. *Ao entardecer* (Contos varios). 2. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo; Cayeiras: Rio de Janeiro, 1926.

<sup>19</sup> \_\_\_\_\_. *Ierecê a Guaná seguido de Os índios do distrito de Miranda e Vocabulário da Língua Guaná ou Chané*. 2. ed. Organização de Sérgio Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2001.

<sup>20</sup> \_\_\_\_\_. *Amelia Smith*. 2. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo; Cayeiras: Rio de Janeiro, 1930.

<sup>21</sup> \_\_\_\_\_. *A conquista do filho; Por um triz coronel!; Da mão á boca se perde a sopa*. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo; Cayeiras: Rio de Janeiro, 1931.

<sup>22</sup> \_\_\_\_\_. *Viagens de Outr'ora*. 2. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo; Cayeiras: Rio de Janeiro, 1921.

<sup>23</sup> \_\_\_\_\_. *Campanha de Matto Grosso. Scenas de Viagem*. 2. ed. Il. São Paulo: Livraria do Globo; Irmãos Marrano Editores, 1923.

<sup>24</sup> \_\_\_\_\_. *Paizagens brasileiras*. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo; Cayeiras: Rio de Janeiro, 1926.

<sup>25</sup> \_\_\_\_\_. *Dias de guerra e de sertão*. 3. ed. Il. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo; Cayeiras: Rio de Janeiro, 1927.

<sup>26</sup> \_\_\_\_\_. *Visões do sertão*. 2. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo; Cayeiras: Rio de Janeiro, 1928.

<sup>27</sup> \_\_\_\_\_. *Céus e terras do Brasil* (9. ed.); *Viagens de outrora* (3. ed.); *Paisagens Brasileiras* (2. ed.). São Paulo: Edições Melhoramentos, 1948.

<sup>28</sup> \_\_\_\_\_. *Trechos de minha vida*. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo; Cayeiras: Rio de Janeiro, 1921.

- Reminiscencias<sup>29</sup>;
- Memórias<sup>30</sup>.

6º) Biografias:

- José Mauricio Nunes Garcia<sup>31</sup>;
- Augusto Leverger. Almirante Barão de Melgaço. Antemural do Brasil em Matto Grosso<sup>32</sup>.

7º) Política e sociedade imperial:

- Homens e cousas do Imperio<sup>33</sup>;
- Brasileiros e estrangeiros<sup>34</sup>.

8º) Cidades imperiais:

- A cidade do ouro e das ruínas<sup>35</sup>;
- Goyaz<sup>36</sup>.

9º) Narrativas de guerra: a Campanha de Mato Grosso:

- Marcha das forças. Expedição de Mato Grosso (1865-1866). Do Rio de Janeiro ao Coxim<sup>37</sup>;
- Em Matto Grosso invadido<sup>38</sup>;

<sup>29</sup> \_\_\_\_\_. *Reminiscencias*. 2. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo; Cayeiras: Rio de Janeiro, 1923.

<sup>30</sup> \_\_\_\_\_. *Memórias*. Organização de Sérgio Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2004.

<sup>31</sup> \_\_\_\_\_. *José Mauricio Nunes Garcia*. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo; Cayeiras: Rio de Janeiro, 1930.

<sup>32</sup> \_\_\_\_\_. *Augusto Leverger*. Almirante Barão de Melgaço. Antemural do Brasil em Matto Grosso. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo; Cayeiras: Rio de Janeiro, 1931.

<sup>33</sup> \_\_\_\_\_. *Homens e cousas do Imperio*. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo; Cayeiras: Rio de Janeiro, 1924.

<sup>34</sup> \_\_\_\_\_. *Brasileiros e estrangeiros*. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo; Cayeiras: Rio de Janeiro, 1931.

<sup>35</sup> \_\_\_\_\_. *A cidade do ouro e das ruínas*. Matto-Grosso antiga Villa Bella. O rio Guaporé e a sua mais illustre victimia. 2. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo; Cayeiras: Rio de Janeiro, 1923.

<sup>36</sup> \_\_\_\_\_. *Goyaz*. Atualização e notas por Wolney Unes. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2004. (Brasil Central).

<sup>37</sup> \_\_\_\_\_. *Marcha das forças*. Expedição de Matto Grosso (1865-1866). Do Rio de Janeiro ao Coxim. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo; Cayeiras: Rio de Janeiro, 1928.

<sup>38</sup> \_\_\_\_\_. *Em Mato Grosso Invadido* (1866-1867). São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo; Cayeiras: Rio de Janeiro, 1929.

- Cartas da Campanha de Mato Grosso<sup>39</sup>;
  - A Retirada da Laguna<sup>40</sup>.
- 10º) Narrativas de guerra: a Campanha da Cordilheira:
- Cartas da Campanha<sup>41</sup>;
  - Diário do Exército<sup>42</sup>.
- 11º) Narrativas de guerra:
- A Guerra do Pacífico<sup>43</sup>.
- 12º) Livro didático:
- História do Brasil para o segundo ano colegial<sup>44</sup>.

Cabe destacar que tal divisão cumpre apenas uma função didática, na medida em que objetiva proporcionar uma maior visualização da produção de Taunay. Em seu estudo Maretti apontou que além das inúmeras obras produzidas pelo citado escritor, o mesmo realizou ainda traduções de livros de sua autoria; traduções de livros e textos alheios; e apontou, também, que foram várias as edições e reedições de suas obras, como também alguns de seus escritos foram adaptados ao cinema e ao teatro; é o caso, por exemplo, do romance *Inocência*.

Entendo Taunay como um ser humano dotado de algumas qualidades que lhe permitiram escrever e atuar em diferenciadas áreas; apresenta-se como um exímio narrador, descritor, desenhista, conhecedor da história e da geografia, bem como exibe traços de uma personalidade detalhista, organizada e extremamente perfeccionista.

Da experiência e vivência obtidas na Guerra do Paraguai produziu *romances*, como o clássico *Inocência*, inspirado, segundo o próprio autor, nas imagens da guerra. Sua vivência política lhe permitiu escrever sobre *cidades, a política e a*

<sup>39</sup> \_\_\_\_\_. *Cartas da Campanha de Matto Grosso* (1865-1866). Rio de Janeiro: Edição da Biblioteca Militar, 1944.

<sup>40</sup> \_\_\_\_\_. *A Retirada da Laguna*: episódio da Guerra do Paraguai. Tradução e Organização de Sérgio Medeiros. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (Retratos do Brasil).

<sup>41</sup> \_\_\_\_\_. *Cartas da Campanha*. A cordilheira. Agonia de Lopez (1868-1870). São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo; Cayeiras: Rio de Janeiro, 1922.

<sup>42</sup> \_\_\_\_\_. *Diário do Exército* (1869-1870). A Campanha da Cordilheira e De Campo Grande a Aquidabã. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1958. (v. 259 e 260).

<sup>43</sup> \_\_\_\_\_. *A Guerra do Pacífico*. Chile versus Perú e Bolivia. 2. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo; Cayeiras: Rio de Janeiro, 1925.

<sup>44</sup> MORAES, Dicâmor; TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *História do Brasil para o segundo ano colegial*. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

*sociedade imperial*, como também produziu *peças teatrais* que levam o leitor a compreender o universo da época imperial, seja rural ou urbano. Da experiência nas duas fases da Guerra, isto é, na Campanha de Mato Grosso e na Campanha da Cordilheira, produziu suas *narrativas de guerra*, como também grande parte de seus *relatos e descrições da natureza brasileira*; de sua convivência com as tribos indígenas na Campanha de Mato Grosso legou-nos preciosas informações sobre hábitos, costumes e vocabulário indígenas. Sua convivência com a alta sociedade permitiu-lhe ainda compor *biografias* de pessoas tidas “como ilustres” na época e, finalmente, com o intuito de legar à posteridade a “imagem desejada” de sua existência escreveu também suas *Memórias, Reminiscências e Autobiografia*.

Interessante registrar que os *relatos e descrições da natureza brasileira* apresentam alguns elementos peculiares, isto é: a) relaciona-se mais aos aspectos ligados à natureza, do que aos episódios que enfrentou na Campanha de Mato Grosso; b) apresenta caráter *descriptivo e narrativo*; e c) descreve com riqueza de detalhes as flores, os frutos, os rios, a mata, a paisagem, os animais, a fauna, a flora e os acidentes geográficos. Em sua obra *Campanha de Matto Grosso – Sce-  
nas de Viagem* que marcou o início da escrita de Taunay – cujo ano de publicação foi 1868 -, se comparada a outros escritos do autor, apresenta um caráter mais “original”, embora Taunay não se revele ainda o exímio escritor da *Retirada da Laguna* e “abuse” de seus conhecimentos científicos e gerais o autor não imprimiu na escrita desta obra os recursos estilísticos que marcaram a *Retirada da Laguna* e que a tornou um grande clássico da Literatura Brasileira.

Sua maestria em desenhar legou-nos, ainda, uma vasta iconografia acerca das imagens de Mato Grosso: paisagens, aldeias, referenciais geográficos etc, são contemplados pelo escritor.

Para Maretti:

A experiência adquirida na guerra contra o Paraguai é decisiva para a consideração do soldado-viajante como um narrador-viajante: tal condição é expressa nos inúmeros relatos de viagem, tanto os de caráter técnico-militar quanto aqueles em que o escritor exercita o seu virtuosismo descriptivo, todos eles publicados durante e depois da guerra. A seqüência narrativa segue linearmente a trajetória das viagens: os dias transcorrem um após o outro e as estradas, pontes e rios vão sendo enumerados a cada passo. Tal comportamento narrativo obedece a uma dupla imposição: a de corresponder às expectativas militares,

de composição de relatórios técnicos minuciosos em que a catalogação de dados é o critério fundamental, e aquela ditada pela já tradicional perspectiva dos viajantes estrangeiros que percorreram o Brasil e registraram passo a passo as suas impressões e observações.<sup>45</sup>[...].

A estudiosa dividiu as obras de Taunay acerca da Guerra do Paraguai, em duas “imagens”: 1<sup>a)</sup> “as imagens de ida”, que se referem às obras produzidas na viagem de ida à Guerra do Paraguai, momento em que Taunay teve “tempo” para observar, escrever, analisar e registrar suas impressões, quer fossem com o olhar do “engenheiro militar” quer do “expedicionário naturalista”; 2<sup>a)</sup> “as imagens de volta”, que se referem ao momento da volta de Taunay, quando recebeu a missão de levar notícias do ocorrido com a Coluna relacionadas à Retirada da Laguna para a corte imperial; a urgência da missão não lhe permitiu observar e registrar as imagens que viu no trajeto de volta.

Em sua obra *Campanha de Matto Grosso – Scenas de Viagem*, Taunay registrou diferenciadas impressões acerca dos aspectos relacionados à natureza e a população com a qual começou a ter contato em uma das missões que recebeu para realizar um processo de reconhecimento na região dos Morros (Aquidauana/ Miranda); desta experiência narrou:

Diante de nós abriam-se os campos além, com cerrados ao longe; á nossa direita, havia um matosinho com olhos d’água, e, á esquerda, levantava-se uma serrania elevada, cujos cabeços mais proximos reflectiam ao sol, grandes quebradas vermelho-rubras, confundindo-se os mais afastados, n’uma linha continua, com o azul do céo.

A serra de *Maracajú* percorre a direcção constante media de N.N.E. a S.S.O., desde perto do piquiry até as ramificações na república do Paraguai e na província do Paraná [...].

Sua estrutura geologica é de grés argiloso, compacto em certos pontos; tendo soffrido a ação de aguas, manifestadas, em muitos lugares, pelas extensas linhas paralelas, como já o havíamos observado na serra da cabelleira em Goyaz, e em outros setores, do caminho de Coxim [...].

A serra de Maracajú não foi, de certo, resultado de erupção, mas sim de levantamento, devido a algum terremoto, das camadas da região que a cerca, e que apresenta os mesmos typos geologicos.

<sup>45</sup> MARETTI, Maria Lídia Lichtscheidl. *Op. cit.*, pp. 104-5.

A vegetação acompanha as dobras e declives da serra até o topo: só os pedaços de desagregação acham-se desnudados<sup>46</sup>.

Em outra obra intitulada *Memórias* o autor registrou seu “encanto aliado a perplexidade e espanto” com a variedade de animais que se deparou em terras mato-grossenses:

Pelas dimensões, chama logo as vistas o *surubi*, também denominado *surubim* e em Mato Grosso mais comumente *pintado*, por causa das malhas esbranquiçadas em fundo escuro. Peixe de pele, às vezes com malhas irregulares pelo corpo, algumas formando como que losangos, tem cabeça chata, grande, barbas ou apêndicullos à maneira do bagre, olhos pequenos metidos em cavidades. A carne pouco espinhenta, é em extremo saborosa, sobretudo nos exemplares pequenos ou de tamanho regular, nos maiores, oleosa e bastante forte. Aliás, o *surubim* é bem conhecido, pois existe em muitos rios do Brasil e não raro se o pesca na Paraíba, Rio de Janeiro.

Cresce extraordinariamente, pelo menos a variedade ou espécie que se encontra em Mato Grosso, e chega, então no dizer de muitos, a atacar o homem. Por isto, o confundem com o *jaú*, cuja bôca enorme se escancara como a do jacaré<sup>47</sup>.

Para Taunay:

[...] essas duas monstruosidades, o *jaú* e o *jacaré* se associam sempre no meu espírito com horror, pois, na passagem do rio Aquidauana que eu e o Lago acabávamos de atravessar a nado, poucos minutos depois de um camarada nosso, chamado Ciríaco, foi arrebatado à nossa vista por um desses dois medonhos entes. “É um *jaú*!” bradaram aterrados os tropeiros, enquanto as águas no golão que de súbito formaram, se tingiam de sangue do mísero.

Dali a instantes... só o deslizar sereno de tranqüilo rio. O pobre do Ciríaco havia desaparecido para todo sempre! Que angústia, que apertar de coração a todos nós em momento tão terrível e por muitos dias! À noite eu me via cercado dos mais extraordinários monstros naquelas ínviias e asselvajadas regiões, sujeito aos seus assaltos, dilacerado por êles, devorado!...<sup>48</sup>

<sup>46</sup> TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle Taunay. *Campanha de Matto Grosso*. Scenas de Viagem. 2. ed. II. São Paulo: Livraria do Globo; Irmãos Marrano Editores, 1923, p. 53.

<sup>47</sup> TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle Taunay. *Memórias*. Organização de Sérgio Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2004, p. 212.

<sup>48</sup> *Idem*, p. 212.

Perceba como se processa na narrativa uma mudança abrupta em relação a este aspecto da natureza, de uma variedade encantadora de peixes, como o pintado, o dourado, o pacu, se transforma em um ambiente ameaçador e desconhecido... não civilizado... a natureza perde o tom do idílico, do edênico e, se transfigura na imagem do perigo a ser enfrentada constantemente e a qualquer momento.

Taunay na referida obra também registrou a presença do sertanejo em meio a natureza; para o escritor: “O sertanejo, com tudo, passo calmo e cantando: apenas, de vez em quando, examina, debruçando-se sobre as águas paradas, se os perfidos enleios das hervas não lhe impedirão a passagem”<sup>49</sup>.

Interessante pontuar que esta ideia cristalizada por Taunay em relação ao sertanejo será retomada no processo de divisão do estado do antigo Mato Grosso, em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, onde a figura do herói sul-mato-grossense, como por exemplo Guia Lopes, será identificada com esta figura do sertanejo descrita por Taunay.

Em relação as impressões gerais da população mato-grossense registradas por Taunay, pontuou que

A indolência parece ter assentado sua sede em Matto-Grosso.

Existe nos campos d'aquelle província, uma população *sui generis*, meramente entregue à criação de gado, com hábitos arraigados, que a inhabilitam para qualquer outro trabalho.

No distrito de Miranda, ou se é negociante ou fazendeiro.

A vida do fazendeiro é marcar, em certas épocas do ano, os bezerros, *costear* o gado, de quando em quando, negociar com ele.

[...]

Aí passará ele toda sua existência; 50, 60 anos, sem que lhe corra pela ideia a necessidade de um melhoramento em suas terras, em sua palhoça, a fruição de um canto aprazível, de um pomar. Raras vacas mansas rodeiam um espaço limpo só pelas patas do gado; porém dezenas de milhares de rezes percorrem as suas campinas desertas e inúmeros touros mugem ao longe<sup>50</sup>.

Sua descrição carregada de juízo de valor de um homem que vive na corte imperial e que tem como referência o modelo civilizatório europeu ocidental,

<sup>49</sup> *Idem*, p. 212.

<sup>50</sup> *Idem*, p. 217.

será mais enfático ainda ao analisar alguns dos costumes indígenas; Taunay teve contato com várias dessas tribos em solo mato-grossense: guaycurús, chanés, terenas, laianas, quiniquináos, guanás, são algumas elencadas.

Em relação aos costumes preservados por parte das tribos, alguns chocam a “visão de mundo” que Taunay tem intrínseca a sua formação e vivência. Em relação aos laços que unem pais e filhos asseverou:

D'essa submissão resulta a verdadeira venda que se executa entre o pae de uma mulher nubil e qualquer homem que a queira para companheira ou mero passatempo: a filha sujeitar-se-á à imposição paterna, aceitando sem murmurar o esposo, que lhe apresentem ou despresando aquelle, cuja separação aconselharem<sup>51</sup>.

Sobre as mulheres, registrou ainda que estas:

[...] amamentam as crianças por tempo indeterminado: vimos rapazotes de seis a sete annos, que vinham correndo suspender-se aos seios de suas complacentes mães.

Esta pratica faz com que, com a maternidade, fiquem as mulheres completamente estragadas: os seios, com a prolongada pressão, pendem-lhes ao longo do corpo, o qual também, pelo habito de carregarem as crianças cavalgando n'um dos quadris, fica arqueado e desengraçado<sup>52</sup>.

Outros trechos permitem-nos pensar o quanto Taunay olha esse “sertão distante, longínquo”, com o olhar do expedicionário-viajante-estrangeiro. “O casamento é ceremonia pouco usual [...]”; “Por dinheiro obtem-se mulher [...]”; “O genio dos indios do districto, em que o ciume é sentimento quasi desconhecido [...]”; “Aos 10 annos, mal apontam os seios, ainda não nubil, é a noiva entregue ao futuro marido [...]”; “Esse habito de entregarem meninas e homens é geral [...]”; “As mulheres envelhecem com extrema rapidez [...]”.

Entretanto mesmo sendo severo em relação a “aparência” do ponto de vista estético, Taunay se apaixonou por uma índia, esta da tribo *guaná*, era “[...] Antonia, filha de pae quiniquináo e mãe guaná, que sobre ser verdadeiro typo de beleza pela venustade de rosto, delicado da epiderme e elegancia de corpo, tinha summa graciosidade e donaire”<sup>53</sup>.

---

<sup>51</sup> *Idem*, p. 220.

<sup>52</sup> *Idem*, p. 220.

<sup>53</sup> *Idem*, p. 269.

A vivência nos Morros e a paixão despertada por Antonia em Taunay o levou a viver uma “aventura nos trópicos”, ao se propor “tomar para si” a bela índia, a beleza selvagem, como registrado em suas *Memórias*:

Era Antônia uma bela rapariga da tribo *chooranó* (guaná propriamente dita) e da nação *chané*.

Muito bem feita, com pés e mãos singularmente pequenos e mimosos, cintura naturalmente acentuada e fina, moça de quinze para dezesseis anos de idade, tinha rosto oval, cutis fina, tez mais morena desmaiada do que acaboclada, corada até levemente nas faces, olhos grandes, rasgados, negros, cintilantes, bôca bonita ornada de dentes cortados em ponta, à maneira dos felinos, cabelos negros, bastos, muito compridos, mas um tanto ásperos.

Sobremaneira elegante de porte, costumava trajar, com certo donaire, vestidinhos de chita francesa, quando não se enrolava à moda dos seus numa *jurata* que a cobria tôda até aos seios<sup>54</sup>.

### Seu amigo e amante da índia, o Tenente Lili

Mandara [...] buscá-la e aos parentes, de certo ponto além Aquidauana.

Tendo essa gente, ao cumprir a ordem recebida, subido a serra de Maracaju do lado do Morro Azul perto do pôrto do Canuto daquele rio, devia passar pelo acampamento de Chico Dias e depois pelo nosso, do João Pacheco, para descer o outro lado da cordilheira.

Era uma tarde e estava eu acocorado perto do còrredozinho do nosso abarracamento, quando vi chegar a anunciada caravana. Na frente, como é de rigor entre índios, o chefe, atrás a mãe, dando a mão a um filhinho, depois uma rapariguinha, quase moça feita, e afinal a Antônia, montada, esta, ou melhor escanhachada, num boi manso<sup>55</sup>.

### Taunay se encantou com a imagem a sua frente:

E tão sedutora me pareceu que fiquei tolhido de surpresa e admiração e de súbito inflamado, achando-a muito, mas muito acima de quanta descrição me havia sido feita, até pela própria bôca do Lili, que se gabara, a mim, da formatura da amante.

<sup>54</sup> *Idem*.

<sup>55</sup> *Idem*.

Sabendo logo que essa gente pousaria perto, por causa da noite, chamei o sargente Salvador, já então meu *factotum*, e despachei-o a indagar quais os meios que poderiam impedir Miguel Ângelo (assim se chamava o pai) e a família que continuarem a viagem, mudando de intenções em relação ao Lili.

Verdadeiro rapto esbocei.

A primeira conferência entre meu embaixador e o índio foi infrutífera, fazendo êste grande alarde não só do cavalheirismo e bondade do tenente, como da amizade que lhe dedicava a rapariga.

Voltando o Salvador à carga, patentearam-se mais algumas disposições no sentido de qualquer acôrdo. Entretanto, as exigências por parte do chefe da família não eram pequenas – um saco de feijão, outro de milho, dois alqueires de arroz, uma vaca para corte e um boi montaria – o que tudo importava, naquelas alturas e pelos preços correntes, nuns cento e vinte mil réis.

Além disto, pleno consentimento da Antônia, que não se mostrava assim, sem mais nem menos disposta, a deixa o Lili que a esperava impaciente<sup>56</sup>.

Mas encantado pela “bela índia” Taunay aceitou as exigências:

Já noite fechada, fui ter com Miguel Ângelo para lhe significar que tudo aceitava, embora o meu intermediário se mostrasse positivamente indignado com semelhantes exorbitâncias. ‘Tôdas as índias juntas, objetava, e mais algumas brancas por cima, não valem todo êsse *despotismo* de sobreira!’

A fim de vencer a relutância de Antônia, levara-lhe eu um colar de contas de ouro, que, em Uberaba, me havia custado quarenta ou cinqüenta mil réis. Foi argumento irresistível! Assim mesmo ela, ainda que tôda embelezada do apetido ornato, adiou para o dia seguinte o sim, mas pediu para ficar desde logo com o fascinador colar.

Acedi de bom grado; mas o salvador se mostrou inflexível, tirando-lho das mãos: ‘Amanhã, amanhã, disse piscando um olho; conheço bem estas senhoras e as lograções que sabem pregar’.

Vinte e quatro horas depois, todos os compromissos estavam saldados a contento das partes interessantes [...]<sup>57</sup>.

---

<sup>56</sup> *Idem*, p. 270.

<sup>57</sup> *Idem*.

Taunay em seus relatos descreve os momentos de “convivência” com Antonia na região dos Morros, entretanto este “amor” é interrompido quando se viu obrigado a retornar ao Rio de Janeiro.

Analizar Taunay e suas obras é um desafio no mínimo instigante, a riqueza de detalhes, a narrativa, a escrita, a poesia que caracteriza o conjunto de sua obra, é capaz de encantar o desatento leitor; entretanto devo lembrar que a grande maioria de seus escritos foram baseados em um diário de viagem, em suas anotações e aquilo que o substrato de sua memória permitiu guardar e/ou selecionar; de qualquer forma uma leitura atenta e minuciosa aliada as ferramentas do ofício do historiador nos permite não só visualizar aspectos do cotidiano, da natureza e da vida privada daquele contexto histórico, como também desvendar a partir de quais referenciais e de qual “lugar social” essas imagens foram construídas e constituídas sobre a província de Mato Grosso.

De qualquer forma espero que os pontos expostos nesta reflexão despertem o atento e curioso leitor/pesquisador a conhecer e apreciar a visão de Alfredo d’Escragnolle Taunay acerca dos sertões mato-grossenses.